

Autora best-seller #1 do The New York Times

PARA INFERNO

Planeta minotauro

LEIGH BARDUGO



Planeta minotauro

TRECHO ANTES DO PÁRA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

LEIGH
BARDUGO

PARA O
INFERNO

Tradução

Marina Della Valle



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Leigh Bardugo, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Marina Della Valle, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *Hell Bent*

Preparação: Renato Ritto
Revisão: Ligia Alves e Barbara Parente
Diagramação: Vivian Oliveira
Mapa: Rhys Davies and WB
Capa: Keith Hayes
Ilustração de capa: Sasha Vinogradova, inspirado em Beth Caverer
Adaptação de capa: Renata Spolidoro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bardugo, Leigh
Para o inferno / Leigh Bardugo; tradução de Marina Della Valle. – São Paulo:
Planeta do Brasil, 2023.
496 p.

ISBN 978-85-422-2377-4
Título original: *Hell Bent*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Valle, Marina Della

23-5202

CDD 893.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PARTE I



ASSIM ACIMA

Novembro

Alex se aproximou de Black Elm como se chegasse perto de um animal selvagem, caminhando com cautela pela entrada longa e curva, com cuidado para não demonstrar medo. Quantas vezes tinha andado por aquela entrada? Mas hoje era diferente. A casa surgia entre os galhos nus das árvores como se esperasse por ela, como se tivesse ouvido os passos e adivinhado a chegada dela. Não se encolhia feito presa. Erguia-se, dois andares de pedras cinza e telhados pontudos, um lobo com patas firmes e dentes à mostra. Black Elm já fora mansa um dia, bonita e cuidada. Mas tinha sido deixada sozinha por muito tempo.

As janelas fechadas com tábuas no segundo andar pioravam tudo, uma ferida no flanco do lobo que, se não fosse tratada, poderia enlouquecê-lo.

Ela enfiou a chave na velha porta dos fundos e entrou na cozinha. Estava mais frio dentro que fora – não tinham dinheiro para manter o lugar aquecido e não havia motivo para isso. Mas, apesar do frio e da missão que viera cumprir, o cômodo ainda parecia acolhedor. Panelas de cobre penduradas em fileiras organizadas acima do grande fogão vintage, brilhantes e prontas, ansiosas para serem usadas. O piso de ardósia estava impecável, os balcões, limpos e arrumados, com uma garrafa de leite com galhos de azevinho que Dawes havia ajeitado do jeitinho certo. A cozinha era o cômodo mais funcional de Black Elm, usada de forma regular, um templo de luz organizado. Fora assim que Dawes tinha lidado com tudo o que haviam feito, com a coisa à espreita no salão de dança.

Alex tinha uma rotina. Bem, Dawes tinha uma rotina e Alex tentava segui-la, e agora essa rotina funcionava como uma rocha para se agarrar quando o medo tentava puxá-la para baixo. Destrancar a porta, separar a correspondência e colocá-la no balcão, encher as tigelas de Cosmo de comida e água frescas.

Elas geralmente ficavam vazias, mas hoje Cosmo havia derrubado comida para o lado, espalhando pelotinhas em forma de peixe no chão

como uma forma de protesto. O gato de Darlington estava bravo por ter sido deixado sozinho. Ou assustado por não estar mais assim tão sozinho.

— Ou talvez você só seja um bostinha enjoado — murmurou Alex, limpando a comida. — Vou dar seu recado para o chef.

Não gostou do som da própria voz, falhando no silêncio, mas obrigou-se a terminar devagar o que fazia de maneira metódica. Encheu as tigelas de água e comida, jogou fora os folhetos endereçados a Daniel Arlington e enfiou uma conta de água na bolsa que levaria de volta para Il Bastone. Eram passos de um ritual executados com cuidado, mas que não ofereciam proteção. Pensou em fazer café. Poderia sentar-se sob o sol de inverno lá fora e esperar que Cosmo viesse procurá-la quando achasse por bem deixar de rondar aquele emaranhado confuso que era o labirinto de sebes em busca de ratos. Ela iria conseguir. Deixaria a preocupação e a raiva de lado e tentaria resolver esse enigma, mesmo que não quisesse completar a imagem que surgia com cada peça nova e desagradável.

Alex olhou para o teto como se pudesse enxergar através das tábuas do assoalho. Não, não conseguiria simplesmente se sentar na varanda e fingir que tudo estava do jeito que deveria estar, não quando seus pés queriam subir aquelas escadas, não quando sabia que deveria correr para o lado oposto, trancar a porta da cozinha atrás de si, fingir que nunca tinha ouvido falar desse lugar. Alex tinha vindo até ali por um motivo, mas agora ficava se perguntando se era estúpida. Não estava à altura daquela tarefa. Falaria com Dawes, talvez até com Turner. Pela primeira vez traçaria um plano em vez de entrar de cabeça no desastre.

Lavou as mãos na pia e só quando se virou para pegar um pano de prato viu a porta aberta.

Alex enxugou as mãos, tentando ignorar o jeito como seu coração tinha disparado. Nunca notara aquela porta na despensa, um vão entre os belos armários de vidro e as prateleiras. Nunca a vira aberta antes. Não deveria estar aberta agora.

Dawes deve ter deixado assim. Mas Dawes estava lambendo as feridas do ritual e se escondendo atrás de suas fileiras de fichas. Não passava por ali havia dias, desde que colocara aqueles galhos de azevinho no balcão da cozinha, criando uma imagem de como a vida deveria ser. Limpa e fácil. Um antídoto para o resto de seus dias e suas noites, para o segredo logo acima.

Ela e Dawes nunca haviam se preocupado com a despensa, as fileiras de pratos e copos empoeirados, a terrina de sopa do tamanho de uma pequena banheira. Era um dos muitos membros vestigiais da casa velha, em desuso e esquecida, deixada para atrofiar desde o desaparecimento de Darlington. E certamente nunca haviam se preocupado com o porão. Alex nunca tinha pensado nisso. Não até agora, parada na frente da pia da cozinha, cercada por azulejos azuis bem cuidados e pintados com moinhos de vento e navios altos, contemplando aquele vão negro, um retângulo perfeito, um vazio repentino. Parecia que alguém tinha simplesmente arrancado uma parte da cozinha. Parecia a boca de uma sepultura.

Ligue para Dawes.

Alex se apoiou no balcão.

Saia da cozinha e ligue para Turner.

Ela baixou o pano de prato e tirou uma faca do bloco ao lado da pia. Queria que houvesse um Cinzento por perto, mas não queria correr o risco de convocar um para si.

O tamanho da casa, o silêncio profundo, pesavam ao seu redor. Ela olhou para cima novamente, pensou no brilho dourado do círculo no céu, no calor que emitia. *Eu tenho vontades.* Por que aquelas palavras a tinham deixado empolgada, quando deveriam apenas causar medo?

Alex caminhou silenciosamente na direção da porta aberta, da ausência de porta. O quanto tinham cavado ao construir esta casa? Conseguia contar três, quatro, cinco degraus de pedra que levavam ao porão, e então eles desapareciam na escuridão. Talvez não houvesse mais escadas. Talvez, quando ela descesse mais um degrau, caísse, continuasse caindo no frio.

Tateou a parede procurando por um interruptor de luz, então olhou para cima e viu um cordão surrado pendurado em uma lâmpada exposta. Puxou o cordão e as escadas foram inundadas por uma luz amarela quente. A lâmpada fazia um zumbido reconfortante.

— Merda — disse Alex, entre os dentes.

O terror dela se dissolveu, sem deixar nada além de constrangimento. Eram só escadas, um corrimão de madeira, prateleiras cheias de trapos, latas de tinta, ferramentas alinhadas na parede. Um leve cheiro de mofo subia da escuridão lá embaixo, um fedor de vegetais, um indício de podridão. Ouviu água gotejando e o farfalhar do que poderia ser uma ratazana.

Não conseguia enxergar direito a base da escada, mas devia haver outro interruptor ou lâmpada abaixo. Poderia descer até lá, certificar-se de que ninguém andava revirando as coisas, ver se ela e Dawes precisavam montar armadilhas.

Mas por que a porta estava aberta?

Cosmo poderia ter aberto a porta em uma de suas expedições para caçar ratos. Ou talvez Dawes realmente tivesse aparecido e descido ao porão para pegar alguma coisa normal – herbicida, papel-toalha. Tinha se esquecido de fechar a porta direito.

Então Alex fecharia a porta. Trancaria bem. E, se por acaso houvesse algo lá embaixo que não era para estar lá embaixo, poderia ficar onde estava até que ela chamasse reforços.

Ela apalpou, procurando pelo cordão, e parou ali, a mão segurando o fio, escutando. Pensou ter ouvido – ali, de novo – um silvo suave.

O som do nome dela. *Galaxy*.

— Foda-se essa merda.

Sabia como aquele filme em particular terminava, e não desceria lá por nada.

Puxou o cordão e ouviu o estalido da lâmpada, então sentiu um empurrão forte entre as omoplatas.

Alex caiu. A faca caiu de suas mãos. Lutou contra o desejo de estender a mão para amortecer a queda e, em vez disso, cobriu a cabeça, deixando o ombro sofrer o impacto. Ela meio que escorregou, meio que caiu até a base da escada, e bateu no chão com força, a respiração saindo como uma corrente de ar por uma janela. A porta lá em cima bateu. Ela ouviu o clique da fechadura. Estava no escuro.

Agora seu coração estava disparado. O que estaria ali embaixo com ela? Quem a trancara ali com isso? *Levanta daí, Stern. Bote a merda da cabeça no lugar. Prepare-se para lutar.*

Será que era a voz dela que ouvia? A de Darlington?

A dela, claro. Darlington nuncaalaria palavra.

Ela se levantou, apoiando as costas na parede. Pelo menos nada poderia vir daquela direção. Era difícil respirar. Depois que os ossos quebram, aprendem esse hábito. Blake Keely havia quebrado duas costelas dela fazia menos de um ano. Achou que elas poderiam ter quebrado de novo. As mãos de Alex estavam escorregadias. O chão estava molhado

por causa de algum vazamento antigo nas paredes, e o ar tinha um cheiro fétido e errado. Limpou as palmas das mãos na calça jeans e esperou, a respiração saindo em arquejos irregulares. De algum lugar no escuro, ouviu o que poderia ser um gemido.

— Quem está aí? — ela disse de um jeito rouco, odiando o medo em sua voz. — Vem até aqui, seu bosta covarde.

Nada.

Tateou em busca do celular, em busca de luz, o brilho azul vibrante e atordoante. Apontou o feixe de luz para prateleiras com diluente de tinta velho, ferramentas, caixas marcadas com uma caligrafia irregular que sabia ser de Darlington, caixotes empoeirados com um logotipo circular: *Arlington & Co. Botas de Borracha*. Então a luz brilhou em dois pares de olhos.

Um grito ficou preso na garganta dela, e Alex quase deixou o celular cair. Não eram pessoas, eram Cinzentos: um homem e uma mulher, agarrados um ao outro, tremendo de medo. Mas não era de Alex que estavam com medo.

Tinha entendido errado. O chão não estava molhado por causa de um vazamento ou de água da chuva ou por algum cano velho estourado. O chão estava escorregadio de sangue. As mãos dela estavam cobertas de sangue. Tinha passado sangue nos jeans.

Dois corpos jaziam amontoados no chão de tijolo velho. Pareciam roupas descartadas, pilhas de trapos. Ela conhecia aqueles rostos. *O céu os excluiu, porque o aviltaria.*²

Tinha tanto sangue. Sangue novo. Fresco.

Os Cinzentos não tinham abandonado os próprios corpos. Mesmo em meio ao pânico, ela sabia que aquilo era estranho.

— Quem foi que fez isso? — perguntou a eles, e a mulher gemeu.

O homem colocou um dedo sobre os lábios, os olhos cheios de medo enquanto percorriam o porão. O sussurro dele pairou através do escuro.

— Não estamos sozinhos.

2. Alighieri, Dante. *Inferno*. Canto III, tradução de Italo Eugenio Mauro. Editora 34, 1998.

Outubro, um mês antes

Alex não estava longe do apartamento de Tara. Tinha dirigido por aquelas ruas com Darlington no início de seu primeiro ano, caminhado por elas quando estava caçando o assassino de Tara. Naquela época era inverno, os galhos nus, os pequenos quintais cobertos de montes sujos de neve. O bairro ficava mais bonito nos dias ainda quentes do início de outubro, nuvens de folhas verdes suavizando as bordas dos telhados, hera subindo pelas cercas de arame, tudo isso assumindo um ar suave e onírico pelo brilho dos postes de luz, que esculpiam círculos dourados nas horas suaves do crepúsculo.

Estava parada na sombra entre duas casas geminadas, observando a rua que dava para o Café Taurus, um bloco de tijolos sem janelas decorado com placas que prometiam quina, loto e Corona. Alex ouvia a batida da música em algum lugar lá dentro. Pequenos círculos de pessoas fumavam e conversavam sob as luzes, apesar da placa ao lado da porta que dizia: *Proibido vadiagem atenção polícia*. Ficou feliz com o barulho, mas menos feliz com a perspectiva de tantas testemunhas de seus movimentos. Seria melhor voltar durante o dia, momento em que a rua estaria deserta, mas não podia se dar a esse luxo.

Sabia que o bar estaria lotado de Cinzentos, atraídos pelo suor, pelos corpos pressionados, pelo tilintar úmido de garrafas de cerveja; queria alguém mais à mão.

Ali – um Cinzento de parca e gorro, pairando sobre um casal discutindo, que não parecia incomodado pelo forte calor de um verão muito longo. Ela fez contato visual, o rosto de bebê do Cinzento um susto desconfortável. Tinha morrido jovem.

— *Vem comigo*³ — ela cantou baixinho, então soltou uma risada de repulsa. Tinha ficado com aquela música boba na cabeça. Algum grupo

3. Verso de “Alexander’s Ragtime Band”, composta por Irving Berlin e lançada em 1911. (N.T.)

cantando *a capella* tinha começado a ensaiar no pátio enquanto Alex se aprontava para sair do dormitório.

— Não acredito que já começaram com essa merda — Lauren tinha reclamado, arrumando as caixas de vinil, o cabelo loiro ainda mais claro depois de um verão trabalhando de salva-vidas.

— É Irving Berlin — havia notado Mercy.

— Não me importa.

— Também é racista.

— Essa merda é racista! — Lauren tinha gritado pela janela, e colocado AC/DC no aparelho de som, aumentando o volume até o máximo.

Alex tinha aproveitado cada minuto. Ficara surpresa com o quanto sentira falta de Lauren e Mercy durante o verão, das conversas fáceis e das fofocas, da preocupação compartilhada com as aulas, das discussões sobre música e roupas, aquilo tudo funcionando como uma corda capaz de agarrá-la e trazê-la de volta ao mundo comum. *Minha vida é esta aqui*, disse a si mesma, encolhida no sofá na frente de um ventilador barulhento, observando Mercy pendurar uma guirlanda de estrelas sobre a lareira da nova sala comunal, uma grande mudança em relação aos quartos apertados no Campus Antigo. O sofá e a poltrona reclinável tinham sido levados para a nova suíte, a mesa de centro que todas tinham montado juntas no início do primeiro ano, a torradeira e o suprimento aparentemente inesgotável de biscoitos Pop-Tarts enviados por cortesia da mãe de Lauren. Alex havia pedido à Lethe uma bicicleta, uma impressora e um novo tutor no final do ano anterior. Tinham concedido tudo com felicidade, e ela desejou ter pedido mais.

O dormitório dos calouros no Campus Antigo era o lugar mais bonito em que Alex já tinha morado, mas a residência estudantil – a JE propriamente dita – parecia real, sólida e elegante, permanente. Ela gostava dos vitrais, dos rostos de pedra em todos os cantos do pátio, dos pisos de madeira desgastados, da lareira bastante esculpida que não funcionava, mas que tinham decorado com velas e um globo antigo. Gostava até da pequena Cinzenta usando um vestido antiquado, uma criança com o cabelo preso em cachos crespos que gostava de ficar nos galhos acima do balanço da árvore.

Ela e Mercy dividiam um quarto duplo porque Lauren havia ganhado o quarto de solteiro no sorteio. Alex tinha certeza de que ela

trapaceara, mas não se importava muito com isso. Seria mais fácil ir e vir se tivesse um quarto só para ela, mas também sentia certo conforto em deitar na cama à noite e ouvir Mercy roncar do outro lado. E pelo menos não estavam mais enfiadas em beliches.

Alex tinha planejado sair com Mercy e Lauren por algumas horas antes que precisasse sair para supervisionar um ritual na Livro e Serpente, ouvindo discos e tentando ignorar o irritante *mmmm ooh* de um grupo de canto que castigava “Alexander’s Ragtime Band”.

Vem comigo. Vem comigo. Deixe eu te levar pela mão.

Mas então a mensagem de Eitan tinha aparecido.

Agora, portanto, ela estava de olho no Café Taurus. Estava prestes a sair das sombras quando um carro de polícia passou, uma viatura nova, tão elegante e silenciosa quanto um predador do fundo do mar. A viatura piscou as luzes e deu um breve arroteio de sirene, um aviso de que o Departamento de Polícia de New Haven de fato estava prestando atenção.

— É, vai se foder — rosnou alguém, mas a multidão se dispersou, indo para o clube ou descendo a calçada na direção de seus carros. Ainda não era tarde mesmo. Tinham bastante tempo para achar outra festa, outra chance de algo bom.

Alex não queria pensar nos policiais ou em ser pega, ou no que Turner poderia dizer se ela se visse levada a um caso de invasão de propriedade ou, pior, uma acusação de agressão. Não tinha notícias do detetive desde o final de seu primeiro ano e duvidava que ele ficaria feliz em vê-la, mesmo nas melhores circunstâncias.

Assim que a viatura se foi, Alex conferiu se a calçada estava livre de possíveis testemunhas e atravessou a rua até um duplex branco feio, apenas algumas portas abaixo do bar. Engraçado como todos os lugares tristes pareciam iguais. Latas de lixo transbordando. Jardins tomados por ervas daninhas e varandas destruídas. É agora ou nunca. Mas havia um caminhão novo na garagem daquela casa em particular, e ainda por cima com placa personalizada: ESTRNHO. Pelo menos sabia que estava no lugar certo.

Alex tirou um espelho compacto do bolso da calça jeans. Nos momentos em que não estivera mapeando as infinitas igrejas de New Haven para Dawes, tinha passado o verão vasculhando as gavetas do arsenal de

Il Bastone. Convenceu-se de que era uma maneira boa de perder tempo, de familiarizar-se com a Lethe, talvez de procurar o que valia a pena ser roubado se fosse necessário, mas a verdade era que, enquanto vasculhava os armários do arsenal, lendo os pequenos cartões escritos à mão – *o Tapete de Ozymandias; Anéis de Monção para chamar chuva, conjunto incompleto; Palillos del Dios* –, sentia Darlington com ela, espiando por cima de seu ombro. *Essas castanholas expulsam poltergeists, Stern, se tocadas no ritmo certo. Mas ainda assim vão deixar os dedos chamuscados.*

Era reconfortante e preocupante ao mesmo tempo. Invariavelmente, a voz firme e acadêmica tornava-se acusadora. *Onde você está, Stern? Por que não veio?*

Alex revirou os ombros, tentando se livrar da culpa. Precisava manter o foco. Naquela manhã, tinha segurado o espelho de bolso na frente da TV para ver se conseguia captar um pouco de feitiço da tela. Não tinha certeza de que funcionaria, mas havia funcionado. Ela então o abriu e deixou a ilusão cair sobre si. Subiu os degraus até a varanda e bateu na porta.

O homem que a atendeu era enorme e musculoso, o pescoço grosso e rosa como um presunto de desenho animado. Ela não precisou consultar a imagem no telefone. Aquele era Chris Owens, também conhecido como Estranho, ficha criminal tão comprida quanto ele e duas vezes mais larga.

— Puta merda — ele disse ao ver Alex na porta, os olhos fixos em um espaço trinta centímetros acima da cabeça dela.

O feitiço tinha acrescentado trinta centímetros à altura de Alex.

Ela levantou uma mão e acenou.

— Pois... pois não? — perguntou Estranho.

Alex fez sinal com o queixo para o interior do apartamento.

Estranho balançou a cabeça como se despertasse de um sonho.

— Sim, claro.

Ele ficou de lado, abrindo o braço em um gesto grandioso de boas-vindas.

A sala de estar estava surpreendentemente organizada: uma lâmpada halógena enfiada no canto, um sofá de couro grande combinando com uma poltrona reclinável de frente para uma enorme TV de tela plana sintonizada na ESPN.

— Quer alguma coisa para beber ou...

Ele hesitou, e Alex sabia o cálculo que estava fazendo. Só havia uma razão para uma celebridade aparecer na porta dele em uma noite de quinta-feira – em qualquer noite, na verdade.

— Quer descolar alguma coisa?

Alex não precisava mesmo da confirmação, mas agora a tinha.

— Você está devendo doze mil.

Estranho deu um passo cambaleante para trás, como se de repente tivesse perdido o equilíbrio. Porque estava ouvindo a voz de Alex. Ela não se preocupou em tentar disfarçá-la, e a dissonância entre a voz dela e o feitiço de Tom Brady criado pelo espelho fez a ilusão vacilar. Não importava. Alex só tinha precisado da magia para entrar no apartamento de Estranho sem enroscos.

— Que porra é essa...

— Doze mil — repetiu Alex.

Agora ele a via como era, uma menina pequena parada em sua sala de estar, cabelo preto repartido ao meio, tão magra que poderia escorregar direto por entre as tábuas do assoalho.

— Eu não sei quem caralhos é você — ele berrou —, mas está na porra da casa errada.

Já começava a vir na direção dela, o porte dele fazendo o cômodo tremer.

Alex jogou o braço através da janela, em direção à calçada em frente ao Café Taurus. Sentiu o Cinzento de gorro correr na direção dela, sentiu o gosto de bala de maçã verde Jolly Ranchers, o cheiro de fumaça fedida de maconha. O espírito dele parecia inacabado e frenético, como um pássaro que batia na vidraça sem parar. Mas a força dele era pura e feroz. Ela ergueu as mãos, e suas palmas atingiram Estranho bem no peito.

O grandão saiu voando. O corpo bateu na TV, despedaçando a tela e jogando-a no chão. Alex não conseguia fingir que não era bom roubar a força do Cinzento, que não era bom ser perigosa só por um instante.

Atravessou o cômodo e ficou de pé ao lado de Estranho, esperando que os olhos dele clareassem.

— Doze mil — ela disse de novo. — Tem uma semana para conseguir, ou eu volto e te quebro uns ossos.

Embora fosse possível que já tivesse rachado o esterno dele.

— Eu não tenho o dinheiro — disse Estranho num gemido, a mão esfregando o peito. — O filho da minha irmã...

Alex conhecia as desculpas; ela própria já tinha lançado mão delas. *Minha mãe está no hospital. Meu pagamento está atrasado. Preciso trocar a embreagem do carro e não consigo pagar se não puder trabalhar.* Realmente, não importava se eram verdade ou não.

Ela se agachou.

— Lamento pela sua situação. Realmente lamento. Mas eu tenho meu trabalho, você tem o seu. Doze mil até sexta-feira ou ele vai me obrigar a voltar e te fazer de exemplo para cada traficante pé de chinelo na vizinhança. E eu não quero ter que fazer isso.

Ela realmente não queria.

Estranho pareceu acreditar nela.

— Ele... tem alguma coisa contra você?

— Tem o bastante pra me fazer vir até aqui hoje e pra me fazer voltar.

As têmporas de Alex latejaram repentinamente, e o cheiro muito doce de bala de maçã explodiu em sua boca.

— Caralho, cara. Você tá mal.

Alex levou um segundo para perceber que era ela quem estava falando – com a voz de outra pessoa.

Os olhos de Estranho se arregalaram.

— Derrik?

— Isso!

Aquela não era a voz dela, não era o riso dela.

Estranho se esticou para tocar o ombro dela, algo entre surpresa e medo fazendo a mão dele tremer.

— Você... eu fui no seu velório.

Alex se levantou, quase perdendo o equilíbrio. Teve um vislumbre de si mesma no reflexo da TV quebrada, mas a pessoa olhando para ela não era uma garota magricela de camiseta cavada e jeans. Era um rapaz de gorro e parca.

Ela empurrou o Cinzento para fora de si. Por um momento, eles se encararam – Derrik, pelo jeito. Ela não sabia o que o tinha matado e não queria saber. De alguma forma, ele havia tomado conta de

sua consciência, controlando seu rosto, sua voz. E ela não queria nada daquilo.

— *Bela Lugosi está morto*⁴ — rosnou para ele.

Essas tinham se tornado as palavras de morte prediletas dela durante o verão. Ele desapareceu.

Estranho tinha se apertado contra a parede como se pudesse desaparecer nela. Os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

— Que porra tá acontecendo?

— Não se preocupe com isso — ela disse. — Só arranje o dinheiro e isso tudo vai desaparecer.

Alex só queria que fosse fácil assim para ela.



4. Verso da música da banda Bauhaus de mesmo título, “Bela Lugosi’s Dead”. (N.T.)